

Uma vista d'olhos no passado



Recordar é viver... O sabio que o disse não mentiu. Quando se rememoram as coisas, o tudo do antanho, uma profunda ternura nos rejuvenesce, e como que passamos a gozar uma existencia melhor. Alli, é um vulto, que fulgurou na glória de ser grande. Alli, um quadro de arte que recompõe a história do artista que o traçou.

Lá e cá, a tradição, que se não perde, e reconstitue os costumes, as victorias, a grandeza e o heroismo de um povo, ou as bellezas artisticas de uma terra.

Por isso é que recordar é tambem uma condição essencial de viver.

Quem recorda vive, e revive.

Assim, nos transumptos desta página, iremos a pouco e pouco recordando typos, que a morte precocemente levou; coisas, de que só o passado guarda o segredo; costumes, que se succederam; panoramas e artes, que o olvido embalde, pelo aniquilamento, buscou empoeirar, apagar, destruir.

Para a Bahia, para os Estados, para o Brasil, para o mundo, recordar aqui é ainda um meio prodigioso de triumphar do proprio esquecimento.

Recordemos...

PEDRO KILKERRY

NUNCA é tarde para falar da esquisita morte desse esquisitissimo poeta bahiano. Pedro Kilkerry é talvez o poeta mais original do Brasil. Alto, esguio, com um perfil singular de symbolista, era todo uma contínua abstracção de si mesmo.

Dentro daquelle corpo, fragil como um crystal, de uma tristeza communicativa, com ares de cypreste, a poesia borbulhava em torrentes de ouro.

Era o poeta adorador de Banville, creador de symbolos, como este. Mas, que ironia aquella de seus dictos, nas rodas dos amigos, e que riso perturbador e alegre!

Ninguém diria, ouvindo-o recitar, como só elle o sabia, seus proprios versos, com um encanto magnifico de enthusiasmos delirantes, ninguém diria que velava aquella voz de todas as sonoridades o sentido lúgubre da morte.

De roda do poeta, os novi-cruzados puderam viver do sonho, como se fosse Kilkerry a reivindicacção do verso menosprezado da indifferença consuetudinaria.

Da sua roda, o Chiacchio (Carlos), o Galdino de Castro, o Antonio Vinna, o Carlos Weiber, o Arthur de Salles, o Roberto Correia, o Affonso Costa, o Deraldo Neville, já desaparecido, o Filemon de Menezes, o Rozendo Filho, o Descartes de Magalhães, o Fernando Caldas, o Argileu Silva, o Alberto Rabello, o Aloysio Silva, o Desouza Dantas, o Da Costa e Silva, o Jakson de Figueiredo, de quem era intimo, e outros mais, eram os mais assíduos nas tertulias á Praça Castro Alves, em frente á soberba e longa bahia, sob as arvores, perambulando, ou nos bancos, quando o luar os reunia, a recitar sonetos, e a futurar coisas de arte.

Bom tempo! Quando se soube da morte quase repentina do Kilkerry, que tristeza entre os amigos em Apollo!

Havia dias o Kilkerry passára pela *Livraria* de nossos amigos *Almeida & Irmãos*. Comprára uns livros, para advogar no Forum. Já era bacharel formado, de poucos meses. De momento a noticia: Kilkerry no Santa Izabel! Submetteu-se a uma operação no larynge. Dias mais: Kilkerry morto! Nem os amigos todos, que o estremeciam e admiravam, puderam confortá-lo na agonia...

Pobre poeta mallogrado! Cultura das mais sólidas. Vocação absoluta. Poeta dos maiores, com uma obra ainda agora dispersa, e das que mais elevam a musa dos bahianos.

Na lembrança, e carinho de o recordar, ve-

mos, ainda, como, já minado da tuberculose, a ceifadora má de predestinados, vemos como, ainda academico de Direito, pela volta de Setembro, o mês jovial dos estudantes, como era guisalhante e ruidosa a sua alegria:

TROVAS DA PRIMAVERA

Primavera — versos, vinhos...

Nós — Primaveras em flôr

E, ai! corações! — cavaquinhos
Com quatro cordas de Amor!

Requebrem arvores, — ufa!

Como as mulheres, ligeiro:

Como um pandeiro que rufa,

O sol, no monte, é um pandeiro!

O campo, de ouro, trasborda...

Oh! Primavera, um vintem!

Onde é que se compra a corda

Da desventura, tambem?

Agora, um rio, a agua esparsa...

Nas aguas claras de um rio

Lavem-se as pennas á garça

Do riso branco e sadio.

E o dedo estale, na prima.

Que Primaveras! e em flôr!

Ai! corações, uma rima

Por quatro versos de Amor!

Bahia.

PEDRO KILKERRY.



MATRIZ DA CIDADE DE NAZARETH — BAHIA

O MALLOGRO DA ULTIMA TENTATIVA DOS HOLANDESES CONTRA A BAHIA

(MAIO DE 1638)

Este episodio das virtudes civicas de alguns portugueses, que salvaram a Bahia da ultima tentativa dos holandeses, fôra colhido na vasta história de Portugal, por Vilhena Barbosa, a quem devem as letras serviços de grande preço.

I

HOUVE uma época, em que a estrella de Portugal refulgiu no horizonte politico do mundo mais luminosa e brilhante que a de nenhuma outra nação. Nessa época sorriam-nos todas as glórias e felicidades, que um povo pôde desejar nas suas mais elevadas aspirações, nos seus mais dourados sonhos.

Os nautas partidos do Tejo devassavam então todos os mares, e desvendavam as mais longinquas e ignotas regiões. O pavilhão das quinas tremulava victorioso ao mesmo tempo nas praias da America, nas terras da Africa, em opulentas cidades da Asia, e nas ilhas da Oceania. Os capitães portugueses sujeitavam ao sceptro dos seus monarchas grandes e poderosissimos reis. A India derramava sem cessar em nossos cofres publicos o seu ouro, as suas pedras preciosas, os seus ricos estôfos, e as especiarias de subido valor. As letras e as artes, cultivadas por homens de genio, floresciam e brilhavam com extraordinario lustre. Lisboa, transformada no grande empório das mercadorias do Oriente, procurada da navegacção de todas as potencias maritimas da Europa, trajada de sumptuosas galas, cingiu a corôa de rainha das mais cidades europeas. E Portugal, por todos admirado e respeitado, viu os maiores potentados do mundo requestarem e disputarem a sua amizade e alliança.

Essa estrella, tão refulgente, precipitou-se um dia, e lá foi sumir-se, e perder-se nos areais de Alcaçar Quebir! Portugal viu-se então, de improviso, como que acordando de terrivel pesadelo, de senhor feito escravo. A sua força converteu-se em fraqueza; os seus brios em prostracção; o seu poder em fumo; a sua glória em opprobrio; e a admiracção e respeito, que ainda ha pouco inspirava aos estranhos, em escarneio e afrontas!

Apenas os exercitos de D. Filippe II de Castella, aproveitando-se do abatimento em que uma grande catastrophe nos lançou, conseguiram abafar no peito dos portugueses o espírito de independencia, a França, a Inglaterra e a Hollanda, desassombradas daquelle poder marítimo, que lhes embargava o dominio dos mares,